

TRADIÇÕES: ENTRE O INDÍGENA E O INFORMAL. Endogenia e heterogenia na arquitectura popular em São Tomé.

Ana Silva Fernandes, ana.sfernandes@gmail.com¹, Manuel Fernandes de Sá, arq.mfs@gmail.com, Rui Fernandes Póvoas, rpovoas@arq.up.pt, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Portugal

“A tradição não é necessariamente obsoleta nem é sinónimo de imobilismo. Além disso, não tem obrigatoriamente de ser antiga, mas pode muito bem ter sido constituída recentemente.” Hassan Fathy²

A tradição consiste na repetição de um gesto que, pelo seu significado simbólico, pelos recursos existentes ou por comprovada qualidade enquanto solução para um problema, assume relevância e assegura a sua permanência no tempo. De génese diversa e temporalidade variável, cada nova tradição soma-se a todas as outras suas precedentes e contemporâneas, traduzindo-se num palimpsesto, na acumulação e depuração do saber de gerações, em renovadas tradições.

Do “indígena” ao endógeno. No contexto colonial, a discussão em torno da condição do “indígena” percorreu um longo caminho até um recente reconhecimento, e valorização, da sua especificidade e dos seus conhecimentos endógenos. Ainda que a Política Ultramarina Portuguesa pudesse ser mais permeável às comunidades existentes em territórios colonizados que outras potências colonizadoras, e que sucessivas reestruturações e mudanças estratégicas na sua ideologia potenciassem a progressiva auto-determinação das populações, as condições para uma verdadeira emancipação reuniram-se apenas com a independência das novas Nações. Neste contexto de definição e construção da identidade colectiva, os conhecimentos endógenos assumem especial preponderância, sendo essencial buscar no património material e imaterial as raízes e ferramentas para um desenvolvimento integrado.

A arquitectura popular e informal São-tomense. No contexto de São Tomé, a arquitectura popular reflecte os diferentes ciclos económicos e estratégicos que marcaram o território. Nas suas estratégias de assentamento, na sua dispersão ou aglomeração, na escolha de locais e soluções construtivas, a espontaneidade da arquitectura popular reflecte as condicionantes a que foi sujeita e as necessidades a que tentou dar resposta, e os escassos registos das estruturas “indígenas” apontam algumas pistas para a interpretação da sua actual configuração. O território São-tomense, tal como a África contemporânea, herda referências do legado tradicional, das estratégias coloniais de assentamento e das inovações técnicas da ocidentalização, numa sobreposição de lógicas: o efémero confunde-se com o precário, o tradicional com o informal.

¹ O presente texto insere-se na investigação em curso da primeira autora, no âmbito da linha “Dinâmicas e Formas Urbanas” do Programa de Doutoramento em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, sob Orientação do segundo e do terceiro autor. O trabalho de pesquisa incide no estudo de mecanismos de planeamento da micro para a macro-escala em países em desenvolvimento, com São Tomé e Príncipe como caso de estudo.

² Fathy, Hassan (2009 (1973)). *Arquitectura para os pobres: uma experiência no Egipto rural*, Argumentum, Dinalivro. (Original: *Architecture for the poor: an experiment in rural Egypt*, The University of Chicago Press).

Resiliência e engenho nas soluções construtivas. Assim, as soluções construtivas adoptadas na auto-construção por comunidades rurais e urbanas São-tomenses constituem herança e adaptação de modelos de génese variada. Apesar da limitação de recursos, a recorrente elevação do solo (apoiando o espaço habitável em estacaria de madeira ou em pilares) ou a portabilidade das edificações (permitindo o desmonte e transporte para outro local) poderão apontar caminhos para a adaptação das construções populares às condições locais.

O potencial para o desenvolvimento. Neste seguimento, a investigação em curso pretende identificar potencialidades das iniciativas emergentes no território Santomense, incidindo nas áreas disciplinares de Arquitectura e Urbanismo, focando nas edificações espontâneas, na sua relação com o espaço colectivo e público, e na construção do território, tentando assim destacar características que possam contribuir para o desenvolvimento integrado, à escala local e global. O empreendedorismo individual e colectivo (o papel da auto-ajuda e da auto-construção como ferramentas de emancipação), o potencial da miscigenação (a versatilidade para assimilar e lidar com referências de origens diversas), a adaptabilidade ao clima e ao território, assim como o extenso potencial inexplorado dos materiais locais, constituem algumas das características em estudo na investigação em curso, que aqui se pretendem apresentar para discussão.